

## PESQUISA EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19: DESAFIOS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Fabiana Martins Ferreira<sup>1</sup>

José Augusto da Silva Neto<sup>2</sup>

Nicholas Cardoso Gomes da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo discutir o cenário da pesquisa em História e Historiografia da Educação no contexto pandêmico oriundo da Covid-19. Para tanto, intentou-se identificar os desafios e as novas rotinas criadas para driblar caminhos de pesquisa no campo. Trata-se de um estudo exploratório que lançou mão de questionários *online* para coleta de dados de estudantes de Mestrado e Doutorado da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina no ano de 2020. Os resultados apontam as dificuldades no acesso às fontes documentais, estas sendo primordiais ao desenvolvimento das investigações nesse campo e a necessidade da adoção de políticas públicas para digitalizar e preservar o acervo físico.

**Palavras-chave:** pandemia; pesquisa; história da educação.

### RESEARCH IN EDUCATION IN COVID-19 TIMES: DIFFICULTIES AT THE STATE UNIVERSITY OF SANTA CATARINA

**Abstract:** This article aimed to discuss the scenario of research in History and Historiography of Education in the pandemic context arising from Covid-19. To this end, an attempt was made to identify the challenges and new routines created to circumvent research paths in the field. This is an exploratory study that used online questionnaires to collect data from Master's and Doctoral students in the History and Historiography of Education research line, in the Graduate Program in Education, at the State University of Santa Catarina in the year 2020. The results point to difficulties in accessing documentary sources, which are essential for the development of investigations in this field and the need to adopt public policies to digitize and preserve the physical collection.

**Keywords:** pandemic; research; history of education.

<sup>1</sup> Mestra em Educação – UDESC, Graduada em Administração e Pedagogia. Administradora Escolar na Prefeitura de Florianópolis – PMF.

<sup>2</sup> Doutor em Educação – UDESC. Graduado em Ciência da Informação.

<sup>3</sup> Doutor em Educação – UDESC. Mestre em Educação – UNISUL. Graduado em História, Informática e Pedagogia. Supervisor Escolar na Prefeitura de Florianópolis – PMF.

## 1 Introdução

Trabalhos sobre as pesquisas em tempos de tribulações exigem que se tenha um olhar atento às produções científicas contemporâneas que surgiram naquele momento de incertezas no qual o país e o mundo viviam, assim como às possíveis categorias apropriadas para movimentar um assunto novo e, ao mesmo tempo, delicado. As investigações em Educação resultantes de um caráter multidisciplinar são analisadas por diversos campos do conhecimento, tendo em cada qual seus aspectos particulares referentes à pesquisa científica, aos seus arcaouços teóricos e fenômenos definidos.

O presente texto é fruto de discussões realizadas por diferentes campos do conhecimento, entre eles Pedagogia, Biblioteconomia e História. Este artigo surge de considerações levantadas nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Cultura Impressa e Digital, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que tinham como temáticas de pesquisas aspectos que refletiam sobre a teoria e a prática da informação, dos arquivos, da memória, da biblioteca, do papel dos gestores de unidades de informação na sociedade contemporânea brasileira.

Este trabalho foi realizado durante a pandemia, no ano de 2020, com vistas a analisar os estudantes de mestrado e doutorado da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação (HHE), entre 2016 e 2020, considerando os ingressantes dos anos de 2016 até 2019. A linha de pesquisa foi criada para o curso de Mestrado em Educação da UDESC no ano de 2006 e reúne pesquisas, em especial a catarinense, em múltiplas abordagens, temporalidades, objetos e fontes (UDESC, 2020). As pesquisas realizadas nessa linha abordam temas de estudos (auto)biográficos, sobre as infâncias, as memórias escolares, a história da profissão docente, sobre o Ensino Médio, os impressos escolares, a história do livro e da leitura e suas instituições de guarda, como bibliotecas, arquivos e museus, patrimônio histórico-educativo e cultura escolar. Os conteúdos são abordados sob diversas óticas de formação em um movimento que contempla a Educação em interface com a História e as demais Ciências Sociais. Os diferentes temas de estudos dessa linha

lançaram luz aos aspectos importantes, antes ignorados, da HHE brasileira e catarinense.

Naquela época de incertezas, as discussões em torno do pesquisar em Educação durante a pandemia levam em consideração algumas especificidades de cada pesquisador. As metodologias de coleta de dados, como visitar um arquivo, ou entrevistar pessoas, por meio da história oral, precisaram ser reinventadas e/ou reinterpretadas devido às adversidades, por isso, surge-nos a seguinte questão: quais os possíveis caminhos traçados pela pesquisa em História e Historiografia da Educação durante a pandemia?

Nessa problemática, procuramos identificar os caminhos das pesquisas por intermédio dos discentes do PPGE na linha de História e Historiografia da Educação, em nível de Mestrado e Doutorado. Justificamos a presença dos doutorandos que ingressaram no programa em 2016, pois eles estavam defendendo ou finalizando as teses em meio ao isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 que, no período, já acometia por mais de seis meses a população mundial. Para responder à nossa pergunta de pesquisa, elaboramos alguns objetivos. Como objetivo geral temos: identificar os caminhos de pesquisa em História e Historiografia da Educação no PPGE-UDESC em tempos de pandemia; além disso, três ações interpretativas para auxiliar: compreender como estavam ocorrendo as pesquisas no campo da HHE no PPGE-UDESC durante a pandemia; perceber, por meio de questionário, as interferências nas pesquisas desenvolvidas por discentes do PPGE na linha de HHE; refletir sobre a conjuntura da pandemia no PPGE na linha de HHE.

A fim de colaborar na escrita deste trabalho, assim como na leitura dos dados coletados, procuramos amparo nos estudos pautados no campo da História Cultural, tendo em vista ser este o campo em que desenvolvíamos os nossos trabalhos no Grupo de Pesquisa e por entendermos que nos auxilia de forma concreta no diálogo com as pesquisas no campo da História e Historiografia da Educação. Na abordagem que diz respeito ao método de investigação e escrita, adotamos o entendimento de Certeau (2006), no que representa a tarefa de fazer um trabalho científico e seu impacto, um trabalho no qual se adota um viés historiográfico, devendo-se articular com aspectos de produção socioeconômica, política e cultural. Isso significa pensar

as pesquisas em Educação em um momento desafiador, defrontando-nos com incertezas no cenário político do país que reverberam na crise sanitária e econômica que vivenciamos.

Nos últimos anos, a população mundial, em todos os níveis da sociedade, vem enfrentando os efeitos da pandemia da Covid-19. Um novo coronavírus, cientificamente identificado como SARS-CoV-2 (LUIGI; SENHORAS, 2020), rapidamente tomou vasta abrangência de contágio no mundo, impactando a realidade humana e demandando formas alternativas de atuar no cotidiano. De acordo com Michel de Certeau, “o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” (CERTEAU, 2002, p. 31).

Nesta perspectiva, o isolamento social foi implementado como forma de reduzir o contágio dessa doença infecciosa. Tal prática foi largamente difundida nas mídias sociais por meio da frase: “Fique em casa”. Nesse cenário, a efeito das políticas públicas de saúde adotadas no país, as atividades sociais, laborais e educacionais foram se constituindo dentro do ambiente doméstico com o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Assim, nessa reinvenção do cotidiano, as práticas culturais foram alterando os objetos e os códigos, estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um (CERTEAU, 2002).

No contexto da Educação brasileira, em todos os seus níveis (da Educação Básica ao Ensino Superior), a pandemia afetou de modo distinto todos os docentes e estudantes e, conseqüentemente, muitas desigualdades educacionais preexistentes tendem a se elevar em função das lacunas de acessibilidade de professores e alunos às TICs para promoção do Ensino a Distância (EaD). Nesse sentido, as políticas públicas pensadas sob diferentes perspectivas ao longo do período pandêmico não contemplaram uma possível solução à aprendizagem dos estudantes, tendo em vista as distorções nas realidades sociais de toda a população brasileira.

Uma das estratégias observadas na pós-graduação, mas impactando também a graduação, é o processo de realização de estágio docente, visto que em tempo de pandemia torna-se inviável o ensino presencial. Optamos então pela utilização das

TICs, em especial a plataforma Moodle, para a gravação de aulas ou transmissão de conteúdo síncrono. A crítica a ser feita é que nem todos os discentes – tanto de pós quanto de graduação – têm acesso a ferramentas digitais que oportunizem o andamento de uma aula participativa; por isso adotamos a tática de a maioria do conteúdo ser gravada, para que a maior parte dos alunos pudesse ter acesso no melhor momento possível, dentro de suas particularidades, levando-se em consideração a rapidez com que cada um teve para se adaptar a esse momento, tanto a instituição de ensino quanto os discentes.

Em um diálogo com Certeau, Petit (2009) explica que os processos de leitura se dão por apropriações singulares, o que viabilizamos nesse contexto de pesquisa e tem exigido o senso de descoberta colocado pela autora, vinculando as pesquisas com nossas próprias questões singulares, o que permite escrever nossa própria história a partir do que é vivenciado no momento de crise. Ou seja, é quase inevitável o impacto que a pandemia causa na nossa vida, por conseguinte no nosso modo de escrever e no andamento das pesquisas, principalmente pensando nos estudos em História e Historiografia da Educação, tendo em vista a dependência de fontes, e algumas delas, no atual momento, estão impossibilitadas de serem acessadas.

Nesses tempos, as narrativas são muitas, tentando vislumbrar quais são os próximos cenários e os impactos acarretados na pesquisa. Nesse sentido, tentamos narrar as singularidades que cada autor deste artigo está vivenciando, em um ponto de vista interdisciplinar, convergindo com o campo da História e Historiografia da Educação.

## **2. A pesquisa e seus desafios**

Do ponto de vista historiográfico, faz-se necessário que, principalmente, em tempos de isolamento social, debruçemo-nos sobre os objetos para uma imersão na pesquisa. Paciência, concentração e dedicação tornam-se tarefas ainda mais necessárias e desafiadoras. Na área da História da Educação a tarefa que desafia é traçar um diálogo teórico para compreendermos o presente e tentar entender os passos do futuro, tendo como objeto o livro, a leitura, as bibliotecas e os arquivos

documentais. As pesquisas, diante dessas abordagens, têm ganhado novos olhares, tornando-se narrativas, que vão da produção dos textos à circulação e ao consumo dos materiais (CASTRO; BORGES; CASTELLANIOS, 2020). As pesquisas historiográficas costumam ter como fontes arquivos, bibliotecas e entrevistas, por meio dos recursos na perspectiva da história oral.

Com base no debate quase diário da interferência da pandemia nas pesquisas de pós-graduação, decidimos realizar um levantamento sobre as pesquisas que estão sendo realizadas ou que foram concluídas atualmente na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação do PPGE-UDESC. Assim, questionamos aspectos como a ausência ou o acesso às fontes, aos aportes teóricos – como documentos, livros –, às pessoas (história oral), entre outros. Reconhecemos, de modo particular, as angústias, necessidades e descobertas experimentadas no desenvolvimento da pesquisa e, de forma geral, a dificuldade desse percurso no sentido de dar conta do objetivo almejado: a construção do conhecimento por meio de diversificados materiais de pesquisa.

## 2.1 Os pesquisadores: entre adversidades e possibilidades

Com o intuito de buscar fontes para a pesquisa científica e de pós-graduação, deparamos com a utilização de TICs que, nos dias de hoje, ajudam no processo de constituição do objeto de pesquisa. Encurtam caminhos, aproximam lugares e elementos, admitindo uma velocidade maior de produção e investigação. Contudo, encontramos dificuldades: diversos livros, jornais, artigos, entre outras obras, estão apenas em meios físicos, o que impossibilita ou adia a apropriação de tais recursos em situações nas quais podemos estar impedidos de acessar todas as fontes essenciais à construção do conhecimento. Há necessidade de investir na divulgação, no acesso, na permanência e na ampliação dos recursos digitais, no entanto esse não é o propósito deste trabalho, mas sim proporcionar uma reflexão sobre como ainda alguns documentos se encontram preservados apenas fisicamente, como os exemplares do jornal “**A Ponte**”, editado e disponibilizado pela Editora Lunardelli. Todas as edições estão fisicamente disponíveis aos pesquisadores na Biblioteca

Pública de Santa Catarina. Também os prontuários dos apenados da Penitenciária da Pedra Grande (1930-1980) se encontram salvaguardados no Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH/UDESC).

Outros jornais já estão digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital de Santa Catarina. Mas, diante da pandemia, tais locais foram fechados e nos encontramos em um *suplício de Tântalo*, não estando de castigo no Tártaro como na mitologia grega, mas muito próximo das frutas e da água sem poder saciar a sede e a fome delas (fontes da tese). Entretanto, cabe retomar ao contexto e levantar a discussão debatida por Chartier (2002, p. 28), a da

[...] possibilidade ou a necessidade de as bibliotecas digitalizarem suas coleções (particularmente os jornais e revistas), tal observação lembra que, por mais fundamental que seja esse projeto de digitalização, ele nunca deve conduzir à relegação ou à destruição dos objetos impressos do passado.

Concordamos com esse entendimento e vamos além, cabe-nos, como leitores, cidadãos, herdeiros do passado, exigir que os processos de digitalização não provoquem a extinção dos suportes originais, mantendo sempre o acesso aos escritos da forma como foram impressos.

Pesquisas que necessitam de fontes orais, considerando a perspectiva metodológica da história oral, também acabaram sendo prejudicadas nesse tempo, visto que elas necessitam passar pelo Comitê de Ética da Universidade em questão e, mesmo após a aprovação do projeto, é necessário que o pesquisador crie possibilidades para a coleta de informações que não coloquem em risco a vida do entrevistado e do entrevistador. A partir desse quadro, novas formas e possibilidades de pesquisa em tempos de crise abriram-se para o contexto em HHE.

Com base nessas reflexões, fizemos o levantamento de dados referentes às percepções e dificuldades enfrentadas pelos pós-graduandos da linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação do PPGE/UDESC durante o desenvolvimento de suas pesquisas. Nesse sentido, enviamos por *e-mail*, entre os meses de agosto e setembro de 2020, um questionário semiestruturado com perguntas fechadas e um espaço para complemento de informações, para 20 estudantes, sendo cinco do

mestrado e 15 do doutorado, de turmas ingressantes entre 2016 e 2019. Desse total, 11 responderam ao questionário, o que representa 55%, sendo quatro mestrandos e sete doutorandos. Na perspectiva de Mogarro (2005, p. 08, trabalhar com os questionários como fontes oportuniza mobilizar

[...] os modelos etnometodológicos e os instrumentos da nova história cultural e intelectual [...] [que estabelecem] [...] numa posição de grande centralidade os discursos produzidos pelos diversos atores educativos no interior dos espaços sociais e escolares [...].

Segundo o estudo, dos 11 que responderam ao questionário, dois são doutorandos ingressantes em 2016, dois doutorandos de 2017, três mestrandos e três doutorandos de 2018 e um mestrando de 2019. Nessa análise, identificamos que seis dos pós-graduandos são do sexo feminino e cinco do masculino. A seguir, demonstramos os dados por meio do Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Gênero dos entrevistados do PPGE em HHE**



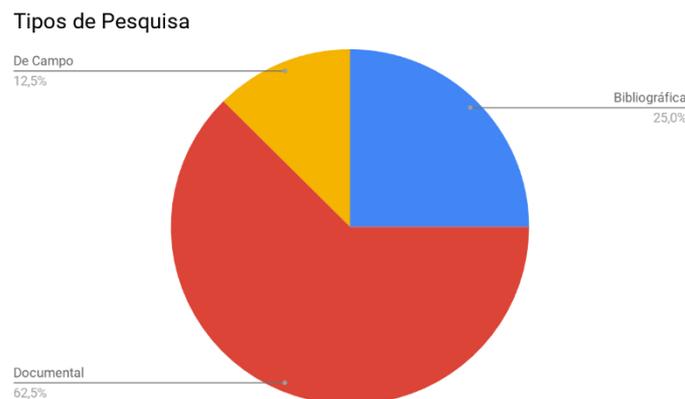
Fonte: Elaborado pelos autores com base nas respostas aos questionários (2020).

De acordo como os resultados obtidos com a aplicação dos questionários, as pesquisas em andamento no PPGE/UDESC se encontram no campo da História Cultural, utilizando majoritariamente autores como Roger Chartier e Michel de

Certeau, em seguida Michel Foucault e Pierre Bourdieu para movimentação das fontes e a teoria que oportuniza um olhar a partir de novas problemáticas no campo da Educação, como: história do livro, das bibliotecas, dos leitores, objetos escolares, das culturas escolares, seus agentes, entre outras possíveis sensibilidades a serem analisadas.

Os dados evidenciaram que uma das maiores dificuldades encontradas pelos estudantes em tempos de pandemia tem relação com o tipo de pesquisa adotado, sendo muito comum no campo historiográfico a pesquisa de caráter documental. Assim, todos os estudantes participantes desta pesquisa realizam seus escritos com base nessa metodologia. Metade dos estudantes também conta com pesquisas bibliográficas, e dois pesquisadores precisam ir a campo para realizar seus trabalhos. Analisando as respostas do questionário, percebemos que a maioria dos participantes deste estudo tem como fonte de pesquisa o arquivo documental (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Tipos de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas respostas aos questionários (2020).

Resta confirmado, assim, que os tempos de isolamento social prejudicam a pesquisa historiográfica. Certeau (2006, p. 80) classifica o fazer história como uma prática apoiada em estabelecimentos com fontes nas quais “[...] tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”.

Nessa perspectiva, descreve Pesavento (2008, p. 61):

O historiador escolheu o tema, formulou uma pergunta, construiu seu tema como objeto a partir dessa questão e dos pressupostos teóricos com os quais pensou resolvê-la; foi aos arquivos, selecionou fontes e com elas armou uma rede de significados que expôs por meio de um texto, onde buscou dar a ver o passado numa versão, plausível, possível, que aspira a ser tomada como a mais próxima possível do real acontecido. Ele buscou traduzir como as pessoas de um tempo agiam, pensavam, se expressavam.

Ao (re)interpretar os acontecimentos a partir das fontes, é possível lhes conferir novas significações, já que um documento está sujeito a uma construção de múltiplos sentidos. O caráter variável, imperfeito e relativo da experiência humana permite proceder a múltiplas interpretações dessa historicidade.

Ao serem questionados sobre a utilização do espaço físico das bibliotecas para leitura/escrita antes da pandemia, dois pós-graduandos responderam que utilizavam sempre, cinco utilizavam quase sempre e três, às vezes, revelando que o espaço físico da biblioteca era um local muito utilizado pelos sujeitos pesquisados no campo historiográfico para a prática da leitura e escrita científica. Como estudiosos desse tema e usuários desse espaço, podemos inferir que o “espírito” da biblioteca inspira criatividade.

Quanto ao empréstimo de livros, a pesquisa mostra que 70% dos entrevistados tinham como prática esse serviço das bibliotecas, e os outros 30%, quase sempre, o que demonstra que, assim como a prática de escrita no ambiente físico das bibliotecas, seus acervos lhes auxiliavam nas práticas de leitura. Esse número diminuiu em grande proporção durante a pandemia. Metade dos entrevistados aponta que nunca pegou livros nas bibliotecas durante o período de isolamento social; 30%, raramente; 10%, às vezes e outros 10% continuaram retirando livros como antes. As principais dificuldades referidas para a diminuição dos empréstimos dos livros durante a pandemia foram: impossibilidade de deslocamento até a biblioteca, tendo em vista que os ônibus pararam de circular durante o período crítico de quarentena; redução dos dias de atendimento da biblioteca, que passou a ser no período da tarde e apenas um dia na semana. Tais dados mostram o que nos adverte Certeau (2006): as operações historiográficas têm suas particularidades sociais. Nesse sentido, o estudo revela que no caminho da História da Educação nos mantemos na tarefa de escrever, nesses tempos, nossas pesquisas historiográficas

como um lugar social (CERTEAU, 2006), em comunhão com essa realidade que nos cerca.

Por outro lado, a leitura encarada como prática modifica-se ao longo da história e, nesta pesquisa, mostrou-se da mesma forma. A leitura de livros digitais já era uma realidade para os pesquisadores, mas, com o isolamento social, conforme os nossos entrevistados, essa prática aumentou em 10%.

Para além dos livros acadêmicos, digitais e/ou impressos, comumente utilizados nas pesquisas em educação, percebemos, também, que a leitura de livros de literatura foi intensificada durante a pandemia, o que nos permite inferir que a prática de leitura de alguns estudantes se modificou diante desse cenário de confinamento. Chartier (2003, p. 173) diz que, pela leitura, é possível entender a prática como “[...] um gesto individual ou coletivo dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade”. Levando em conta que a leitura de um livro e/ou texto também gera práticas criadoras, podendo produzir respectivamente práticas sociais, Chartier (1990) compreende que a história das práticas culturais deve considerar necessariamente esses emaranhados e reconstituir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora. Nesse sentido, a leitura, acadêmica ou literária, contribui amplamente para que os indivíduos construam um sentido para os fatos históricos e, de uma maneira geral, para o mundo.

Na concepção de Certeau (2002, p. 119), o “homem ordinário” (re)inventa o cotidiano com astúcia, elaborando mil maneiras de fazer, escapando da conformação e resistindo às adversidades que foram impostas pela pandemia do Covid-19.

### 3 Considerações finais

Este artigo talvez sirva como um **alívio** nesse tempo adverso, tanto para nós, como autores – pois nos forçamos a nos reunir semanalmente de forma virtual para discutirmos a metodologia de trabalho e acabamos por socializar experiências do dia a dia para além de uma reunião como grupo de pesquisa, mas também como amigos – quanto aos leitores deste texto, que igualmente possam se identificar com o

momento em que estamos vivendo, visto que a leitura pode contribuir para confortar e para o bem-estar nesses tempos (PETIT, 2009). Essa época de pandemia também pode servir para nos descobrir por meio do trabalho, da amizade e da leitura. Contextos de crises podem ser úteis para dar outro significado para a prática de leitura, foram tempos para “[...] redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica” (PETIT, 2009, p. 22).

Compreendendo de que as fontes são diversas e que apenas uma fração se encontra disponível no ambiente virtual, torna-se imprescindível o acesso aos documentos abrigados em arquivos, a presença no cotidiano das instituições e de seus sujeitos. O encontro com o objeto do estudo objetiva facilitar o entendimento na análise das fontes e das culturas em uma perspectiva histórica e, assim, tecer um texto com mais robustez. O conhecimento teórico e metodológico, com a sensibilidade no tratamento das fontes, configura uma matéria-prima fundamental, com a qual será construída a narrativa histórica. Assim, o (re)encontro com o material da pesquisa poderá ampliar o conhecimento e promover novas possibilidades de estudo. Isso porque, ao nos depararmos com documentos que, a princípio, não eram alvo do nosso interesse, no ato de depurar do conhecimento se tornam fundamentais para dar conta do objetivo da investigação.

Para alguns pesquisadores, a angústia com a impossibilidade de retornar às bibliotecas e aos arquivos em busca de outras evidências e/ou compreensão dos fatos tornou a escrita solitária, por vezes frágil, pois, durante o distanciamento social, para alguns, esse processo ficou apático, sem vitalidade. A urgência do saber e a construção do conhecimento, em certos momentos, provocaram desânimo nos pesquisados diante de tantas adversidades. Dessa forma, fez necessário criar algumas táticas para contornar as vicissitudes impostas pela pandemia e reavivar os estudos: a leitura de livros literários impressos e/ou digitais, os encontros a distância com professores, colegas de curso e com grupos de estudo por meio das TICs. Tais dinâmicas foram essenciais para o despertar da consciência e a retomada da leitura e da escrita acadêmicas.

As discussões neste artigo apontam dificuldades no acesso às fontes documentais, sendo primordiais ao desenvolvimento das investigações nesse campo – valor das fontes documentais no modo digital como facilitador ao acesso. Com isso, defendemos a necessidade de aprofundar a discussão sobre a adoção de políticas públicas para digitalizar e preservar o acervo físico, garantindo não apenas a pesquisa histórica, mas também a guarda da memória da História da Educação catarinense e brasileira. Exemplos não faltam, tanto no cenário nacional com incêndio em museu<sup>4</sup> quanto no contexto catarinense com infiltrações no Arquivo Público do estado<sup>5</sup>. É urgente pensar sobre a necessidade das políticas públicas voltadas à conservação/divulgação das fontes documentais. Há urgência na digitalização dos documentos como forma de promover o acesso à pesquisa, bem como preservar o acervo das intempéries.

Em face de algumas limitações impostas por esse momento atípico, que impossibilitou as pesquisas *in loco*, foi possível perceber a delicada construção dos trabalhos acadêmicos por meio deste estudo. Assim, ao refletirmos sobre o cenário atual da Educação, nesse caso, da pós-graduação em tempos de pandemia, conseguimos reconhecer que nem todos os pesquisadores puderam realizar seus estudos no tempo regular do curso, seja por motivos já elencados neste texto ou por tantos outros experienciados de formas singulares nesse momento de adversidades. Portanto, isso nos levou a pensar, primeiramente, sobre a importância de cuidarmos de vidas para a continuidade dos trabalhos científicos futuros.

## Referências

CASTRO, Cesar Augusto; BORGES, Almiceia Larissa Diniz; CASTELLANIOS, Samuel Luís Velázquez. A imprensa maranhense de educação e ensino: os discursos sobre o livro e a leitura (1902-1932). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 56, p. 1-26, abr./jun. 2020.

---

<sup>4</sup> Referente ao incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 2018. (TORRES et al., 2018).

<sup>5</sup> Sobre o incidente oriundo de um temporal que provocou infiltrações no Arquivo Público de Santa Catarina, causando danos no acervo, em 2018. (DALCIN, 2018).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entres práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moreto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Grupo de Pesquisa em Cultura Impressa e Digital (GP-CiDi)**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6481086646725975>. Acesso em: 10 out. 2020.

DALCIN, Cristiano Rigo. Prejuízo no Arquivo Público de SC é incalculável, de acordo com arquivista voluntário. **NDMais**, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/prejuizo-no-arquivo-publico-de-sc-e-incalculavel-de-acordo-com-arquivista-voluntario/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LUIGI, Ricardo; SENHORAS, Elói Martins. O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais. **Nexo Jornal**, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 9 ago. 2020.

MOGARRO, Maria João. Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão. **História da Educação**, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 7-31, jan./jun. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: 34, 2009.

TORRES, Livia et al. Incêndio de grandes proporções destrói o Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/incendio-atinge-a-quinta-da-boa-vista-rio.ghtml>. Acesso em: 17 fev. 2023.



Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº1, jan/jul 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

UDESC. Universidade Estadual de Santa Catarina. **Centro de Ciências Humanas e da Educação**: Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2020.  
Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppge>. Acesso em: 14 out. 2020.

Recebido abril de 2021.

Aprovado maio de 2023.